

## A IDÉIA DE BRASIL MODERNO

*Octavio Ianni*

(Depto. de Ciências Sociais — IFCH UNICAMP)

Em cada época marcante da sua história, a sociedade brasileira tem sido levada a pensar-se novamente. É como se ela se debruçasse sobre si mesma: curiosa, inquieta, atônita, imaginosa. Não só formulam-se novas interpretações como renovam-se as anteriores. Podem mesmo recriar-se idéias antigas, parecendo novas.

Acontece que o presente problemático, difícil ou inovador, desafia o entendimento da sociedade, as explicações conhecidas. Há influência de idéias anteriores nas recentes. A originalidade destas nem sempre é plena. Muitas vezes beneficiam-se de sugestões, idéias e explicações passadas, ainda que criticamente. É como se a partir de certas crises, rupturas, ou mesmo revoluções, as interpretações conhecidas envelhecessem. Podem ser substituídas por outras; ou as antigas são recriadas, parecendo originais. Mas não há dúvida de que quando se rompem um pouco, ou muito, os vínculos entre o passado e o presente, este é levado a pensar o novo, novamente.

A nação é levada a pensar-se por seus intelectuais, artistas, líderes, grupos, classes, movimentos sociais, partidos políticos, correntes de opinião pública. As forças so-

ciais predominantes em cada época são levadas a pensar os desafios com os quais se defrontam, os objetivos que pretendem alcançar, os aliados e opositores com os quais negociar, os interesses próprios e alheios que precisam interpretar. Ao pensar o presente, são obrigadas a repensar o passado, buscar e rebuscar continuidades e inovações. Mesmo quando pretendem o futuro, são postas a pensar outra vez o passado, acomodá-lo ao presente; ou até mesmo transformá-lo em matriz do devir.

O Brasil já foi pensado de modo particularmente abrangente em três épocas. A partir da Declaração de Independência de 1822, da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República em 1888-1889 e da Revolução de 1930. Naturalmente é contínua e reiterada a reflexão sobre aspectos fundamentais e secundários da sociedade nacional. As controvérsias entre grupos, classes, movimentos sociais, partidos políticos e correntes de opinião pública, compreendendo intelectuais, artistas e líderes, mantêm sempre em aberto os dilemas do presente, das relações entre o passado e o presente, das possibilidades do futuro.

Nas conjunturas críticas, no entanto, quando ocorrem rupturas estruturais mais

ou menos amplas, ou mesmo revoluções, a nação é levada a pensar-se de novo, de modo mais abrangente, original ou recorrente. Uma vez quer ser original, começar tudo novamente. Outras, não quer senão continuar recorrente. Em todos os casos, é a história que esconde o segredo do presente.

Acontece que a nação é real e imaginária. Localiza-se na história e no pensamento. Está no imaginário de uns e outros: políticos e escritores, trabalhadores do campo e da cidade, brancos, negros, índios e imigrantes, cientistas sociais, filósofos e artistas. E seria muito outra, se não se recriasse de quando em quando na interpretação, fantasia, imaginação.

### 1. *Independência ou Morte*

Em 1822 o Brasil não conseguiu entrar no ritmo da história. A Declaração de Independência, a Assembléia Nacional Constituinte, os conflitos com os *portugueses* e as lutas populares não conseguiram lançar o país em um patamar mais avançado da história. As campanhas e os escritos de José Bonifácio, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Frei Caneca e outros, bem como as revoltas e revoluções populares, em diversas partes do país, não provocaram a abolição do regime de trabalho escravo, a proclamação da república, o estabelecimento de garantias democráticas. Os movimentos e as idéias comprometidos com a República e a Democracia foram derrotados, controlados ou simplesmente suprimidos. Aos poucos, o manto monárquico recobriu muitas inquietações e desigualdades, criando a ilusão de que o poder moderador resolvia de forma benigna a maior parte dos problemas criados com o escravismo, as nações indígenas, a questão agrária, as diversidades regionais. Muitas inquietações apagaram-se em diferentes lugares, dando lugar aos arranjos da conciliação pelo alto.

Esse clima foi registrado por Bernardo Pereira de Vasconcelos. "Fui liberal, então a liberdade era nova no país e estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas idéias práticas; o poder era tudo: fui liberal. Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os princípios democráticos tudo ganharam e muito comprometeram; a sociedade, que então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganização e pela anarquia. Como então quis, quero hoje servi-la, e por isto sou regressista. Não sou trãsfuga, não abandono a causa que defendo no dia de seus perigos, de sua fraqueza; deixo-a no dia em que tão seguro é o seu triunfo que até o excesso a compromete"<sup>1</sup>.

O que prevaleceu foi o passado, a continuidade colonial, o escravismo, o absolutismo. O modo pelo qual organizou-se o estado nacional garantiu a continuidade, o conservantismo, as estruturas sociais herdadas do colonialismo, o lusitanismo. Ao longo do século XIX, durante o Império, o Brasil permaneceu mais ou menos lusitano. Um lusitanismo subjacente ao regime monárquico, à casa real herdada de Portugal, à legitimidade monárquica. Encontrou a fórmula monárquica como um modo de garantir a legitimidade de que necessitava o regime criado com a Independência. As forças que predominaram na organização do Primeiro Reinado, das Regências e do Segundo Reinado garantiram a continuidade, sob o regime monárquico; manto da legalidade metafórica herdada do colonialismo absolutista.

É claro que essa história se rompe em vários pontos. A Monarquia e os interesses que ela simbolizava foram postos em causa pelos movimentos sociais locais, regionais e nacionais. E desafiados pela força das pressões de interesses externos, principalmente ingleses.

Em meados do século XIX, as figuras de Mauá, Alves Branco e Tavares Bastos,

entre muitos outros, expressaram as inquietações com um país atrasado na corrente da história, anacrônico com seu tempo. Quiseram realizar reformas institucionais e sociais, de modo a jogar o país mais perto do seu presente. Interpretando as sugestões e os interesses do capitalismo mundial, principalmente inglês, preconizavam a modernização, naquele tempo denominada progresso.

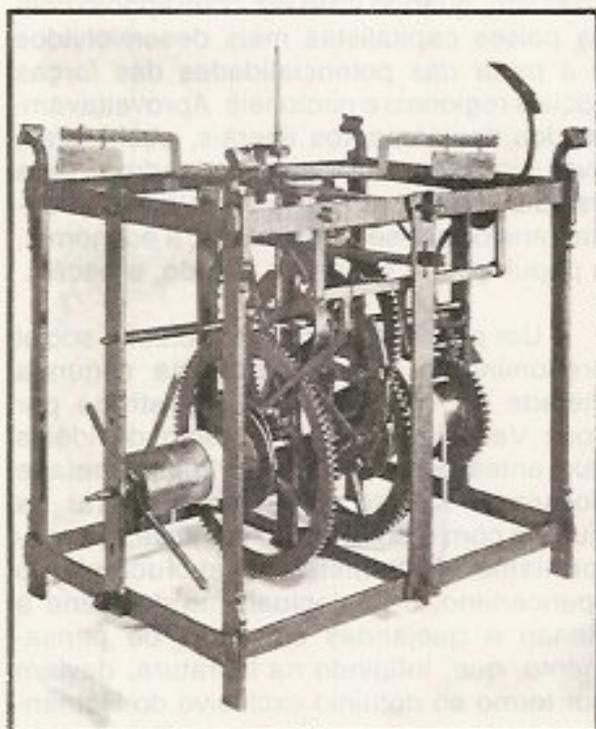
A Guerra do Paraguai foi mais um choque de amplas proporções para o conjunto do país, revelando na prática o anacronismo de tudo que se sintetizava no escravismo e na Monarquia. Todos os principais setores da vida nacional revelaram-se inadequados para a ocasião. Os recursos econômicos, as instituições políticas, a capacidade militar, a subserviência aos interesses ingleses etc mostraram-se de imediato graves, insuportáveis. Foi esse o momento em que o regime monárquico e o regime de trabalho escravo revelaram abertamente a sua inadequação. As forças burguesas que germinaram por dentro e por fora do escravismo e do manto monárquico compreenderam que cabia mudar alguma coisa. Beneficiam-se dos movimentos e partidos interessados em mudanças no âmbito da economia, política, educação, cultura. A Convenção República, do início dos anos 70, simboliza um pouco dessa transição em curso. Uma transição que irá efetivar-se mais abertamente a partir de 1888-89.

Essa é uma parte importante da história que se revela nos escritos e nas atuações de Tavares Bastos, Silvio Romero, José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Raul Pompéia e outros. Dedicaram-se a refletir sobre o que era o século XIX brasileiro; e como ele estava deslocado,

atrasado, quando visto em contraponto com os países capitalistas mais desenvolvidos e a partir das potencialidades das forças sociais regionais e nacionais. Aproveitavam-se dos ensinamentos liberais, positivistas, evolucionistas, darwinistas e outros, para estudar e explicar o que era e como poderia transformar-se a sociedade, a economia, a população, a cultura, o estado, a nação.

Um pouco do clima intelectual e social predominante na sociedade na segunda metade do século XIX foi registrado por José Veríssimo. "O movimento de idéias que antes de acabada a primeira metade do século XIX se começara a operar na Europa com o positivismo comtista, o transformismo darwinista, o evolucionismo spenceriano, o intelectualismo de Taine e Renan e quejandas correntes de pensamento, que, influenciando na literatura, deviam por termo ao domínio exclusivo do Romantismo, só se entrou a sentir no Brasil, pelo menos, vinte anos depois de verificada a sua influência ali. Sucessos de ordem política e social, e ainda de ordem geral, determinaram-lhe ou facilitaram-lhe a manifestação aqui. Foram, entre outros, ou os principais: a Guerra do Paraguai, acordando o sentimento nacional, meio adormecido desde o fim das agitações revolucionárias conseqüentes à Independência, e das nossas lutas no Prata; a questão do elemento servil, comovendo toda a nação, e lhe despertando os brios contra a aviltante instituição consuetudinária... Certos efeitos inesperados da guerra do Paraguai, como o surdo conflito que, apenas acabada, surgiu entre a tropa demasiado presumida do seu papel e importância e os profundos instintos civilistas da monarquia, não foram sem efeito neste momento da mentalidade nacional"<sup>2</sup>. Cabe acrescentar a emergên-

1. Bernardo Pereira de Vasconcelos, citado por Euclides da Cunha, *À Margem da História*, 6ª edição, Livraria Lello & Irmão Editores, Porto, 1946, p. 265. Consultar também Carlos Guilherme Mota (Organizador), *1822: Dimensões*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1972.
2. José Veríssimo, *História da Literatura Brasileira*, 4ª edição, Universidade de Brasília, Brasília, 1963, p. 249.



cia da propaganda republicana, influenciada pelo desenvolvimento das forças sociais internas e pelas repercussões da queda das monarquias na Espanha em 1868 e França em 1870. A campanha republicana "interessou grandemente os intelectuais", principalmente "sua parte moça". Favoreceu o "livre pensamento", em especial o "anticatolicismo, por oposição à monarquia, oficialmente católica". Todo o clima mental de amplos setores da sociedade movimentou-se, modificou-se. "Atuando simultaneamente sobre o nosso entendimento e a nossa consciência, pela comoção causada nos espíritos aptos para lhes sofrer o abalo, estes diferentes sucessos produziram um salutar alvoroço, do qual evidentemente se ressentiu o nosso pensamento e a nossa expressão literária. As idéias, nem sempre coerentes, às vezes mesmo desencontradas daquele movimento, fadoras também nos acontecimentos sociais e políticos apontados, chamamos aqui de modernas; expressamente de "pensamento moderno"<sup>3</sup>.

Eram evidentes o ecletismo, o anacronismo e o exotismo, se pensamos nas convergências e nos desencontros entre as idéias e a realidade. A realidade social, econômica, política e cultural, com a qual se defrontavam intelectuais, escritores, políticos, governantes, profissionais liberais e setores populares não se ajustava facilmente às idéias e aos conceitos, aos temas e às explicações, emprestados às pressas de sistemas de pensamento elaborados em países da Europa. Estava em curso uma fase importante no processo de construção de um pensamento capaz de pensar a realidade nacional. "Os partidários da modernização, que atuavam na comunidade tradicional brasileira, necessitavam urgente e desesperadamente de novos argumentos intelectuais para reforçar suas posições. Uma nova ideologia que reorganizasse e reexplicasse a natureza de seu ambiente social e institucional, e que logicamente ligasse seu trabalho a uma significativa meta, poderia ser emocionalmente satisfatória e proporcionar-lhes ao mesmo tempo condições para arregimentar novos prosélitos. Não é de estranhar que esse grupo tenha vasculhado todos os recursos europeus à procura de concepções úteis a este propósito. É um erro considerá-los, como algumas vezes tem sido feito, como um grupo de intelectuais alienados e embasbacados ante os europeus, que aderiu meramente a determinado conceito apenas pelo prestígio de sua proveniência. É também apenas parcialmente certo dizer-se que eles não entenderam o pleno sentido das idéias que colheram na Europa, pois, como eles os compreenderam, aqueles conceitos correspondiam exatamente ao que estavam procurando. Se assimilaram algumas vezes apenas a parte intelectual sem se preocupar com as referências do contexto, ou afinidade lógica, como se bebessem vinho tinto com peixe, isto ocorreu porque só necessitavam de certos pontos de sustentação, podendo dar-se ao luxo de esquecer as belezas da consistên-

cia do entendimento profundo e da precisão intelectual. Na verdade, agiram com surpreendente — embora inconsciente — habilidade, estabelecendo um inteligente critério seletivo, pois antes de tudo adotaram idéias que pudessem produzir os efeitos desejados, atuando no processo de modernização no Brasil”<sup>4</sup>.

Uma solução muito freqüente, no pensamento e na prática, era a combinação de diversas correntes de idéias e distintas práticas, em um singular amálgama de alguma eficácia. Os desafios da realidade social eram, em última instância, uma referência constante, necessária, decisiva. O que Bernardo Pereira de Vasconcelos havia registrado nos começos da formação do estado nacional, Tavares Bastos expressou depois, ainda que em outros termos, em outro contexto. “Conservador e liberal, monarquista e democrata, católico e protestante, eu tenho por base de todas as minhas convicções a *contradição*; não a contradição mais palavrosa do que inteligível das antinomias de Proudhon, porém a contradição entre duas idéias que na aparência se repelem mas na realidade se completam, a contradição, finalmente, que se resolve na harmonia dos contrastes. Eu declaro francamente que não me sacrifico à lógica das teorias extremas. Guio-me pelos fatos, combino os opostos, encadeio as analogias e construo a doutrina. Não tenho um sistema preconcebido. Não idolatro o prejuízo. Aceito o sistema que os acontecimentos me impõem”<sup>5</sup>.

Vista nessa perspectiva, a Declaração de Independência arrastou-se pelo século XIX. As mudanças sociais, econômicas,

políticas e culturais que ela implicava somente irão completar-se várias décadas, muitas décadas após, quando os regimes escravista e monárquico entram em crise e terminam. Mas nessa época a história mundial já havia estabelecido outros horizontes. Em fins do século XIX, os desafios eram distintos. Quando o país conseguiu completar as mudanças que pareciam cabíveis em 1822, o mundo capitalista já começava a ingressar no século XX. Ficava para trás o capitalismo competitivo e começava a impor-se o monopolístico. Na prática, o mundo acabava de ser repartido entre as nações imperialistas. Poucos escapavam às influências dos interesses ingleses, franceses, alemães, holandeses, belgas, russos, japoneses e norte-americanos. A emergência do grande capital financeiro também inaugurava o século XX.

Mas ao fim do século XIX o Brasil ainda parecia viver no fim do século XVIII. As estruturas jurídico-políticas e sociais tornaram-se cada vez mais pesadas. Revelaram-se heranças carregadas de anacronismo. Eram evidentes os sinais de uma mentalidade formada nos tempos do colonialismo português. A relação dos setores dominantes e do próprio governo com a sociedade guardava os traços do colonialismo.

Essa característica era facilitada pela persistência do escravismo e da dispersão da população nos amplos espaços da sociedade nacional. Uma sociedade não só muito esgarçada, mas atravessada por diversidades regionais e raciais, isto é, sociais, econômicas, políticas e culturais, que facilitavam o exercício do mando

3. *Ibid.*, p. 250.

4. Richard Graham, *Grã-Bretanha e o Início da Modernização no Brasil*, Trad. de Roberto Machado de Almeida, Editora Brasiliense, São Paulo, 1973, p. 241. Consultar também Emília Viotti da Costa, *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, Editorial Grijalbo, São Paulo, 1977.

5. A. C. Tavares Bastos, *Cartas do Solitário*, 3.<sup>a</sup> edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938, p. 181.

pelos detentores dos instrumentos do poder.

A persistência do escravismo e os artificios do manto monárquico configuravam um poder estatal com as características de uma administração distante, estranha, alheia aos interesses populares. A legitimidade alcançada pelos construtores do estado nacional, quando resolveram pelo regime monárquico, teve sempre o jeito de uma legitimidade imposta não só pelo alto, mas estrangeira, no sentido de indiferente aos movimentos mais gerais da sociedade.

## 2. *Ordem e Progresso*

Em 1888-89 o Brasil tentou entrar no ritmo da história. Aboliu a Escravatura e a Monarquia, proclamando a República e o Trabalho Livre. Liberou forças econômicas e políticas interessadas na agricultura, indústria e comércio. Favoreceu a imigração de braços para a lavoura, povoadores para as colônias em terras devolutas e artesãos para a indústria. Ao mesmo tempo, jogava na europeização, ou no branqueamento da população, para acelerar o esquecimento dos séculos de escravismo. Recebeu inclusive o que não imaginava, em termos de idéias sociais, propostas sindicalistas, anarquistas, socialistas e outras. Houve uma ampla fermentação de idéias e movimentos sociais, principalmente nos centros urbanos maiores e nas zonas agrícolas mais amplamente articuladas com os mercados externos.

As campanhas abolicionista e republicana mobilizaram forças empenhadas em mudanças políticas e sociais. Além dos objetivos humanitários, quanto ao término do regime de trabalho escravo, abolicionistas e republicanos associaram-se na luta por conquistas democráticas. Havia setores sociais urbanos empenhados em democra-

tizar o poder estatal e as relações sociais. Já era evidente, para muitos, a barreira representada pela antiga e poderosa associação de interesses escravocratas e monárquicos. Mas o que venceu foi o interesse da cafeicultura do Oeste Paulista, em aliança com os dos canavieiros, pecuária, seringais e outros, em diversas regiões do país. Prevaleceram os interesses de setores burgueses emergentes, combinados com os preexistentes, remanescentes.

Predominaram a economia primária exportadora, a política de governadores manejados pelo governo federal e o patrimonialismo em assuntos privados e públicos. O liberalismo econômico prevalecia nas relações econômicas externas, nas quais sobressaía a Inglaterra. Nas relações internas, entre setores dominantes e assalariados, predominava o patrimonialismo.

Um patrimonialismo que compreendia tanto o patriarcalismo da casa-grande e do sobrado como a mais brutal violência contra os movimentos populares no campo e cidade. A repressão posta em prática em Canudos, na Revolta da Vacina, no Contestado e outros movimentos sociais, revelava algumas das possibilidades mais extremas de uma República simultaneamente liberal e patrimonial.

Alguns aspectos dos acontecimentos simbolizados na extinção do regime de trabalho escravo e no colapso do regime monárquico foram analisados por Caio Prado Júnior. No âmbito das continuidades que parecem prevalecer, ocorrem várias mudanças significativas. "No terreno econômico observaremos a eclosão de um espírito que se não era novo, mantivera-se no entanto na sombra e em plano secundário: a ânsia de enriquecimento, de prosperidade material. Isto, na monarquia, nunca se tivera como um ideal legítimo e plenamente reconhecido. O novo regime o consagrará. O contraste destas duas fases, anterior e posterior no advento republicano,

se pode avaliar, entre outros sinais, pela posição respectiva do homem de negócios, isto é, do indivíduo inteiramente voltado com suas atividades e atenções para o objetivo único de enriquecer. No Império ele não representa senão figura de segundo plano, malvista aliás e de pequena consideração. A República o levará para uma posição central e culminante. A transformação terá sido tão brusca e completa, que veremos as próprias classes e os mesmos indivíduos mais representativos da monarquia, dantes ocupados unicamente com política e funções similares, e no máximo com uma longínqua e sobranceira direção de suas propriedades rurais, mudados subitamente em ativos especuladores e negociistas. Ninguém escapará aos novos imperativos da época"<sup>6</sup>.

Estava em marcha uma singular revolução pelo alto. Remanejavam-se pessoas, interesses, associações de grupos, diretrizes no âmbito do poder estatal. Mas pouco se alterava a própria sociedade, em suas relações com o poder estatal. Os diferentes setores populares, as reivindicações de trabalhadores da cidade e do campo, as demandas de negros, mulatos, índios e caboclos não encontravam lugar nas esferas do poder. Modificavam-se um pouco

os arranjos do poder, das relações dos setores dominantes com os populares, do poder estatal com a sociedade, para que nada se transformasse substancialmente.

Estava em marcha a revolução brasileira, a revolução burguesa brasileira, que se desdobrará por décadas em manifestações sociais, econômicas, políticas e culturais diversas, díspares e freqüentemente contraditórias. Essa é "uma revolução lenta, mas segura e concertada, a única que, rigorosamente temos experimentado em toda a nossa vida nacional. Processa-se, é certo, sem o grande alarde de algumas convulsões de superfície... A grande revolução brasileira não é um fato que se registrasse em um instante preciso; é antes um processo demorado e que vem durando pelo menos há três quartos de século. Seus pontos culminantes associam-se como acidentes diversos de um mesmo sistema orográfico"<sup>7</sup>.

Essa é a problemática de Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Alberto Torres, Sílvio Romero, Machado de Assis, Raul Pompéia, Lima Barreto e muitos outros, em movimentos sociais, partidos políticos e correntes de opinião pública. Queriam compreender quais eram as perspectivas abertas com a República e o regime de trabalho livre. Mas eram obrigados a refletir sobre as heranças de séculos de escravismo, patriarcalismo, divisão entre brancos, negros e índios. Ocorre que continuavam fortes as heranças do período colonial e da época monárquica, altamente determinadas pelas relações externas. A sociedade de castas, formada ao longo da Colônia e do Império, modificava-se de modo lento e desigual nas décadas da Primeira República.

Mas as forças sociais e os movimentos culturais, orientados no sentido da mudança,



6. Caio Prado Júnior, *História Econômica do Brasil*, 3ª Edição, Editora Brasiliense, São Paulo, 1953, p. 214.  
7. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 3ª Edição, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956, pp. 249-250.

continuaram a operar. Por dentro e por fora dos interesses liberais e patrimoniais, predominantes dos governos republicanos, surgiram novas propostas, outras idéias. Nesse sentido é que 1922 é uma data simbólica: surge o tenentismo, movimento civil e militar orientado no sentido de alterar as estruturas oligárquicas prevaletentes; cria-se o Centro Dom Vital, congregando católicos interessados em preservar a civilização ocidental e cristã no país; funda-se o Partido Comunista Brasileiro, em boa parte oriundo do anarco-sindicalismo e empenhado em lutar pelo socialismo; realiza-se a Semana de Arte Moderna em São Paulo, procurando novos temas e novas linguagens para as artes e o pensamento social no país. Parece que o país começa a ingressar no século XX nesse ano. Os acontecimentos de 22 sugerem os prenúncios de outra época, outro ciclo da história.

As mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais provocadas pelo ciclo da cafeicultura estavam começando a manifestar-se. O pensamento social defrontava-se com novas realidades e rebuscava contribuições na cultura européia, norteamericana e brasileira. A industrialização incipiente e o desenvolvimento das maiores cidades criavam outros horizontes para o debate político e cultural. Outra vez, os movimentos da sociedade indicavam tendências diversas e antagônicas, mas preocupadas em mudar alguma coisa. Mudar para frente ou para trás, mas mudar, para que o país não continuasse como ia; um país que parecia atrasado, anacrônico.

### 3. Nacionalismo e Desenvolvimento

Desde a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, mas em escala crescente ao longo das décadas posteriores, muitos estavam preocupados com a questão nacional. Interessados em recriar o país à altura do século XX. Queriam com-

preender quais seriam as condições e possibilidades de progresso, industrialização, urbanização, modernização, europeização, americanização, civilização do Brasil. Apaixonados ou indiferentes, aflitos ou irônicos, perguntavam-se sobre os dilemas básicos da sociedade nacional, de uma nação que se buscava atônita depois de séculos de escravidão: agrarismo e industrialização; cidade, campo e sertão; preguiça, luxúria e trabalho; mestiçagem, arianismo e democracia racial; raça, povo e nação; colonialismo e nacionalismo; democracia e autoritarismo.

A história do pensamento brasileiro está atravessada pelo fascínio da questão nacional. No passado e no presente, são muitos os que se preocupam em compreender os desafios que compõem e decompõem o Brasil como nação. E essa preocupação se revela particularmente acentuada nas conjunturas assinaladas e simbolizadas pela Declaração de Independência em 1822, Abolição da Escravatura e Proclamação da República em 1888-89 e Revolução de 1930. Esse tema aparece nas produções de publicistas, cientistas sociais, filósofos, artistas. Em diferentes gradações, em várias linguagens, uns e outros passam por ele. A questão nacional está sempre presente, como desafio, obsessão, impasse ou incidente.

Muitos estão interessados em compreender, explicar ou inventar, como se forma e transforma a nação, quais as suas forças sociais, seus valores culturais, tradições, heróis, santos, monumentos, ruínas. Preocupam-se com o significado das diversidades regionais, étnicas ou raciais e culturais, além das sociais, econômicas e políticas. Meditam sobre as três raças tristes, explicam a mestiçagem, imaginam a democracia racial. Procuram as desigualdades regionais, raciais e outras na natureza e na história passada. Inquietam-se com o fato de que a maior nação católica do

mundo flutua sobre a religiosidade afro e indígena. Espantam-se com o divórcio entre as tendências da sociedade civil e as do poder estatal. Debruçam-se sobre o passado próximo e remoto, buscando raízes nos séculos de escravatura. Atravessam o Mar Atlântico para encontrar origens lusitanas, africanas, européias. Olham no espelho das europas procurando modelos e ideais para se vangloriar ou estranharem. O anacronismo, bovarismo, mimetismo, exotismo e ecletismo, em matérias científicas, filosóficas e artísticas, fascinam ou assustam muitos dos que se miram em espelhos franceses, ingleses, alemães, norte-americanos e outros.

A Revolução de 1930 parece ter provocado uma espécie de precipitação das potencialidades das crises e controvérsias herdadas do passado. Delineiam-se mais nitidamente as correntes de pensamento. A marcha do processo político e das lutas sociais, de par em par com a crise da cafeicultura, os surtos de industrialização, a urbanização, a emergência de um proletariado incipiente, os movimentos sociais de base agrária, tais como o cangaço e o messianismo, tudo isso repunha, desenvolvia e criava desafios urgentes para cada setor e o conjunto da sociedade nacional.

Essa é a época em que desabrocham algumas das interpretações fundamentais, ou mesmo clássicas, da história da sociedade brasileira. Dizem respeito às sugestões teóricas desenvolvidas pelo pensamento europeu e norte-americano, onde se encontram tanto Simmel e Weber como Boas e Marx, dentre muitos outros. Mas também estão mais preparados para refletir sobre os dilemas da sociedade. Parecem mais contemporâneos do seu tempo e lugar. Explicam as tradições, as heranças portuguesas, as marcas do escravismo, os

obstáculos e as possibilidades de formação do povo, enquanto coletividade de cidadãos. Explicam o corporativismo, os antagonismos entre o público e o privado, as contradições de classe, a separação dos poderes legislativo, executivo e judiciário, a democracia, a preeminência do poder civil, a missão moderadora do poder militar, o estado forte, as debilidades da sociedade civil, o potencial das lutas populares no campo e cidade.

É como se o pensamento e o pensado se encontrassem mais transparentes. Mais uma vez procura-se reduzir o hiato entre as sugestões do pensamento universal e os temas da realidade nacional. Intelectuais formados no espírito europeu, no outro lado do mar-oceano, mas sensíveis aos desafios do presente e aos enigmas do passado, passam a explicar como se compõe e decompõe o Brasil como nação. "Ao transoceanismo saudosista de uns e ao nacionalismo afoito e ingênuo de outros, sucederia uma geração na qual aparecem alguns homens dotados de uma formação nova e de uma técnica intelectual mais adequada à compreensão dos problemas de cultura e, talvez, por isso mesmo, dotados também de uma compreensão mais exata do país e de nossa história"<sup>8</sup>.

Em 1930 o Brasil realizou uma tentativa fundamental, no sentido de entrar no ritmo da história, tornar-se contemporâneo do seu tempo, organizar-se segundo os interesses dos seus setores sociais mais avançados. Tudo o que vinha germinando antes se torna mais explícito e desenvolve-se com a crise e ruptura simbolizadas pela Revolução. O que se encontrava em esboço, apenas intuído, de repente parece clarificar-se. Foi na década de 30 que se formularam as principais interpretações do

8. João Cruz Costa, *Contribuição à História das Idéias no Brasil* (O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional), Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956, p. 441.

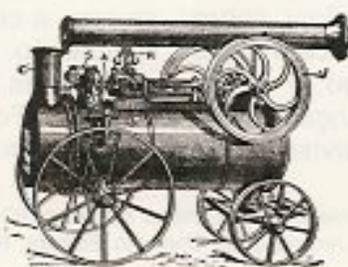
Brasil Moderno, configurando “uma compreensão mais exata do país”. Muito do que se pensou antes, polariza-se e decanta-se nessa época. E muito do que se pensa depois arranca das interpretações formuladas então.

É claro que o que se pensa depois também inova. Há outras contribuições sobre a formação histórica do país, os seus dilemas presentes, suas possibilidades futuras. Os escritos de José Honório Rodrigues, Raimundo Faoro, Antonio Cândido, Florestan Fernandes, Celso Furtado, Hélio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodrê, Guerreiro Ramos, Clóvis Moura e muitos outros expressam continuidades e inovações fundamentais. Mas naquela época formularam-se algumas matrizes do pensamento social brasileiro, no que se refere a questões básicas: a vocação agrária e as possibilidades da industrialização, o capitalismo nacional e associado, o federalismo e o centralismo, o civilismo e o militarismo, a democracia e o autoritarismo, a região e a nação, a multiplicidade racial e a formação do povo, o capitalismo e o socialismo, a modernidade e a tradição.

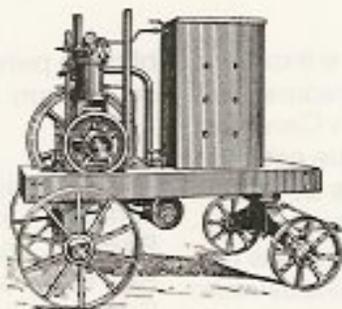
Alguns livros publicados nos anos 30 dão uma idéia da fecundidade intelectual dos desafios que a sociedade brasileira estava enfrentando; de como se revelam “alguns homens dotados de uma formação nova e de uma técnica intelectual mais adequada à compreensão dos problemas da cultura”, da sociedade e da história. Revelam horizontes novos no desenvolvimento do pensamento brasileiro. Simbolizam pontos de inflexão da história e do pensamento: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*; Caio Prado Júnior, *Evolução Política do Brasil*; Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*; Roberto C. Simonsen, *A Evolução Industrial do Brasil*; Manoel Bomfim, *Brasil*

*Nação*; Nestor Duarte, *A Ordem Privada e a Organização Política Nacional*; Azevedo Amaral, *A Aventura Política do Brasil*; Mário Travassos, *Projeção Continental do Brasil*; Barbosa Lima Sobrinho, *A Verdade sobre a Revolução de Outubro*; Virgínio Santa Rosa, *O Sentido do Tenentismo*; José Maria Belo, *Panorama do Brasil*; Tristão de Ataíde, *Política*; Afonso Arinos de Mello Franco, *Conceito de Civilização Brasileira*; Paulo Prado, *Paulística*. Ainda na década de 30 republicaram-se escritos já conhecidos em décadas anteriores, passando a ser relidos em outra perspectiva: Alberto Torres, *O Problema Nacional Brasileiro*; Tavares Bastos, *A Província* (Estudo sobre a descentralização no Brasil); Oliveira Vianna, *Evolução do Povo Brasileiro*. Ao fim dos anos 30 e começo de 40 continuaram as publicações destinadas a retomar, discutir ou inovar o que se havia proposto anteriormente, principalmente: Roberto C. Simonsen, *História Econômica do Brasil* (1500-1820); Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil Contemporâneo* (Colônia); Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos, Nordeste e O Mundo que o Português Criou*; Cassiano Ricardo, *Marcha para Oeste* (A influência da “Bandeira” na formação social e política do Brasil); Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira* (Introdução ao estudo da cultura no Brasil). Haveria muito mais que mencionar, se fôssemos fazer justiça à maioria, se não a todos.

Os indícios de modernização, que já se esboçavam com a Semana de Arte Moderna, a eclosão do tenentismo e outros acontecimentos de anos e décadas anteriores, a partir de 30 parecem acelerar-se. As inquietações científicas, filosóficas e artísticas simbolizadas nas obras de Graça Aranha, *A Estética da Vida*; Jackson de Figueiredo, *Literatura Reacionária*; Paulo Prado, *Retrato do Brasil*; Mário de Andrade,



Macunaíma e Vicente Licínio Cardoso (organizador), *À margem da História da República*, entre outros, generalizam-se desde 30.



Criou-se uma atmosfera diferente, nova, de ampla ebulição cultural, política e social. Não foi um marco zero. "Mas foi um eixo e um catalisador: um eixo em torno do qual girou de certo modo a cultura brasileira, catalisando elementos dispersos para dispô-los numa configuração nova. Nesse sentido foi um marco histórico, daqueles que fazem sentir vivamente que houve um 'antes' diferente de um 'depois'. Em grande parte porque gerou um movimento de unificação cultural, projetando na escala da Nação fatos que antes ocorriam no âmbito das regiões. A este aspecto integrador é preciso juntar outro, igualmente importante: o surgimento de condições para realizar, difundir e 'normalizar' uma série de aspirações, inovações, pressentimentos gerados no decênio de 1920, que tinha sido uma sementeira de grandes mudanças"<sup>9</sup>. Os fermentos sociais e intelectuais que vinham de anos e décadas anteriores, passam a ser vistos como *normais* a partir de 30. A despeito das extremas desigualdades sociais prevalentes, o que excluía amplos setores da população dos espaços culturais e políticos que se estavam alargando, aos poucos ampliou-se a *participação*. Houve um florescimento cultural da maior significação. "Isto ocorreu em diversos setores: instrução pública, vida artística e literária, estudos históricos e sociais, meios de difusão cultural como o livro e o rádio (que teve desenvolvimento espetacular)"<sup>10</sup>.

Desde antes de 30 já era intenso e fecundo o debate sobre a formação e as

perspectivas da sociedade brasileira. Recolocaram-se de forma particularmente urgente os dilemas da questão nacional. As perspectivas e os impasses que se haviam aberto com a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República, a imigração

européia, as crises periódicas da economia primária exportadora, os obstáculos internos e externos à industrialização, colocavam-se de forma premente. Tanto assim que se multiplicaram os debates, as interpretações e as diretrizes para a resolução, ou manejo, dos problemas nacionais. Naturalmente resgataram-se sugestões próximas e antigas, de *José Bonifácio*, *Frei Caneca*, *Bernardo Pereira de Vasconcelos*, *Tavares Bastos*, *Joaquim Nabuco*, *Silvio Romero*, *José Veríssimo*, *Euclides da Cunha*, *Alberto Torres* e outros. Mas principalmente produziram-se outras e novas interpretações e diretrizes. Muitos debruçaram-se sobre as peculiaridades da sociedade brasileira, as desigualdades regionais, a heterogeneidade étnica, as heranças do escravismo, as contribuições dos imigrantes, o peso das oligarquias ou clãs agrários, o predomínio do privatismo sobre o espírito público, os partidos políticos personalistas, a precariedade dos processos eleitorais, as urgências do nacionalismo, o fascínio pelas idéias e soluções estrangeiras, a importância da modernização do aparelho estatal, o significado dirigente do estado, a conquista da cidadania e outros dilemas da sociedade brasileira na época.

É inegável que muitos fatos estavam recriando e agudizando desafios da sociedade, desde os primeiros momentos do regime republicano: o predomínio das burguesias paulista e mineira no bloco de

9. Antonio Cândido, *A Educação pela Noite e outros Ensaios*, Editora Ática, São Paulo, pp. 181-182.

10. *Ibid.*, p.182. Consultar também Élide Rugai Bastos, *Gilberto Freyre e a Formação da Sociedade Brasileira*, Tese de Doutorado, Universidade Católica de São Paulo, 1986, mimeo.

poder formado com a República e expresso também na política dos governadores; as lutas sociais de base agrária em Canudos, Contestado e outras partes em que estavam em curso as ocupações de terras devolutas e indígenas; as greves de colonos na cafeicultura e de trabalhadores assalariados nos centros urbanos com atividades industriais; o messianismo do padre Cícero, em Juazeiro; as exigências e as conseqüências da Primeira Guerra Mundial e das crises da cafeicultura, uma economia primária exportadora; a emergência de movimentos sociais, partidos políticos e outras manifestações de setores populares rurais e urbanos, em luta por conquistas sociais diversas.

Os prenúncios do Brasil Moderno esbarravam em pesadas heranças de escravismo, autoritarismo, coronelismo, clientelismo. As linhas de castas, demarcando relações sociais e de trabalho, modos de ser e pensar, subsistiam por dentro e por fora das linhas de classes em formação. O povo, enquanto coletividade de cidadãos, continuava a ser uma ficção política. Ao mesmo tempo, setores do pensamento brasileiro vacilavam em face de inclinações um tanto exóticas e demoravam-se para encontrar-se com a realidade social brasileira.

#### 4. História e Imaginação

É possível verificar que uma parte ampla da produção intelectual brasileira do século XX está empenhada em compreender as condições de modernização do país. Desde as décadas finais do século XIX tornou-se cada vez mais evidente a preocupação com as implicações sociais, econômicas, políticas e culturais da extinção do regime de trabalho escravo e do término do regime monárquico. Tanto os que lutavam contra como os que eram a favor dos movimentos abolicionista e repu-

blicano pensavam ou pressentiam, queriam ou temiam as possíveis transformações.

A idéia de Brasil Moderno está presente, ou implícita, em escritos de Sílvio Romero, José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Alberto Torres, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Raul Pompéia, Lima Barreto e muitos outros. Compreende também movimentos sociais e partidos políticos, além de correntes de opinião pública, nos quais se inscrevem os católicos liberais, democratas, socialistas, anarquistas e outros. Depois, nas décadas de 20 e 30, torna-se muito mais explícito, com Oliveira Vianna, Vicente Licínio Cardoso, Jackson de Figueiredo, Manoel Bomfim, Paulo Prado, Azevedo Amaral, Francisco Campos, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Roberto C. Simonsen, Caio Prado Júnior, Astrojildo Pereira e outros. Não há dúvida, essa problemática está no horizonte de Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Portinari, Villa Lobos e assim por diante. Em seguida, sempre continua a desafiar o pensamento brasileiro nos escritos de José Honório Rodrigues, Rômulo de Almeida, Celso Furtado, Guerreiro Ramos, Nelson Werneck Sodrê, Hélio Jaguaribe, Raimundo Faoro, Antonio Cândido, Florestan Fernandes e muitos outros. Não se trata de imaginar que todos pretendem o futuro, ou o presente aperfeiçoado. São múltiplas e contraditórias as interpretações e diretrizes de uns e outros. Trata-se de um amplo leque, no qual se encontram inclusive os que preferem corrigir o presente pelos parâmetros passados, preconizando a modernização conservadora".

Ao mesmo tempo, a marcha da sociedade continua a criar e recriar novas realidades. A sociedade e a economia, a política e a cultura, o campo e a cidade, continuam a transformar-se. Em fins do século XIX e começo do XX a Amazônia transforma-se no milagre da borracha.

Simultaneamente, a economia cafeeira expande-se em diversas áreas do Centro-Oeste. E a economia açucareira espalha-se por outras regiões, além do Nordeste; expande-se em São Paulo. Sucodem-se e confundem-se "ciclos" econômicos, acompanhados de mudanças sociais, urbanização, surtos de industrialização, desenvolvimento de classes sociais, desafios e propostas políticas, criações culturais. Aos poucos, diversifica-se o leque do debate científico, filosófico e artístico. Multiplicam-se centros de estudos universitários e independentes da academia, privados e públicos. Além do Rio de Janeiro, também São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Salvador, Belém e outras cidades desenvolvem novas atividades culturais. Multiplicam-se núcleos intelectuais e políticos preocupados com a tradição e a modernidade, procurando explicar o presente, exorcizar o passado e imaginar o futuro.

Tanto no nível do pensamento como no das práticas de governantes e grupos sociais mais poderosos, observa-se a impaciência, pressa, sofreguidão. Algumas realizações famosas dão uma idéia desse clima. A construção da cidade de Brasília pretende simbolizar o Brasil Moderno, representa o coroamento de uma larga história de intentos de tornar o Brasil contemporâneo do seu tempo. Uma capital nova,

feita sob medida, lançada em traços audaciosos, nas proporções do século XXI; e povoada pela mesma humanidade que se pretendia esquecer, ou exorcizar. Algo semelhante havia ocorrido na época do apogeu da borracha amazônica. A Ferrovia Madeira-Mamoré, construída em plena floresta em fins do século XIX e começo do XX, simboliza muito bem a façanha da audácia. No mesmo ano em que se inaugura, depois de um altíssimo custo humano e material, o ciclo da borracha entra em colapso. Sobra a sensação de absurdo atravessando a biografia e a história. "O que eu vim fazer aqui!... Qual a razão de todos esses mortos internacionais que renascem na bulha da locomotiva e vêm com seus olhinhos de chineses, de portugueses, bolivianos, barbadianos, italianos, árabes, gregos, vindos a troco de libra. Tudo quanto era nariz e pele diferente andou por aqui deitando com uma febrinha na boca-da-noite pra amanhecer no nunca mais"<sup>12</sup>. Em todos os lugares, combina-se o moderno material com o autoritário do mando e desmando. Como na Madeira-Mamoré, em Canudos, Contestado, Revolta da Vacina, ocupações de terras, greves operárias, protestos contra desmandos. Uma história na qual a modernidade está mesclada no caleidoscópio dos pretéritos, dos "ciclos" desencontrados de tempos e lugares, como se o presente fosse um depósito arqueológico de épocas e regiões.

11. Para o balanço crítico da história e das tendências do pensamento brasileiro, consultar: João Cruz Costa, *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956; Dante Moreira Leite, *O Caráter Nacional Brasileiro*, 2ª Edição, Pioneira Editora, São Paulo, 1969; Carlos Guilherme Mota, *Ideologia da Cultura Brasileira*, 3ª Edição, Editora Ática, São Paulo, 1977; João Camilo de Oliveira Torres, *Interpretação da Realidade Brasileira*, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1969; Nelson Werneck Sodrê, *A Ideologia do Colonialismo*, 2ª Edição, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965; Guerreiro Ramos, *A Crise do Poder no Brasil*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1961; Florestan Fernandes, *A Sociologia no Brasil*, Editora Vozes, 1977; Leandro Konder, *A Derrota da Dialética*, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1988; Reginaldo Moraes, Ricardo Antunes e Vera B. Ferrante (orgs.), *Inteligência brasileira*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1986; Antonio Paim, *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1974.
12. Márcio Souza, *Mad Maria*, romance, 3ª edição, Editora Marco Zero, Rio de Janeiro, 1985, pp. 346-347. Consultar também Francisco Foot Hardman, *Trem Fantasma (A Modernidade na Selva)*, Companhia das Letras, São Paulo, 1988, esp. caps. 5 e 6.

Todos, a despeito das diversidades de perspectivas e propostas, pensam o Brasil Moderno, o capitalismo nacional, o capitalismo associado, a industrialização, o planejamento governamental, a reforma do sistema de ensino, a reforma agrária, a institucionalização de garantias democráticas, a superação da preguiça pelo trabalho e da luxúria pelo ascetismo, a mudança das instituições e atitudes, a reversão das expectativas, a revolução política, a revolução social. Em distintas gradações, as perspectivas de uns e outros abrem-se em um leque bastante amplo, compreendendo propostas de cunho liberal, liberal-democrático, corporativo, fascista, socialista e outras.

Mas vale a pena observar que esse vasto movimento intelectual — polarizado pela idéia de modernização conservadora, autoritária, democrática ou socialista — foi acompanhado de um deslocamento do centro da vida nacional. Entre fins do século XIX e a primeira metade do XX, o centro da vida nacional deslocou-se do Nordeste, simbolicamente Recife, para o Centro-Sul, simbolicamente São Paulo. A chamada Escola de Recife expressa bastante bem uma época de apogeu e crise do predomínio do Nordeste na fisionomia do Estado Nacional. Em certa medida, a realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo, no ano de 1922, simboliza a emergência de outras inquietações e propostas, que passarão a predominar. Mas o deslocamento não é nem rápido nem drástico. Alguns escritos revelam dúvidas, ambigüidades, vacilações, falta de clareza. Foi complicado esse processo de deslocamento do centro da vida nacional, desde o Nordeste ao Centro-Sul, simbolizado em Recife e São Paulo.

Em *A Estética da Vida*, publicado em 1920, Graça Aranha está procurando equacionar os novos tempos. Um membro da Escola de Recife que se defronta com as polarizações emergentes na sociedade

nacional, procurando descortinar o presente e exorcizar o passado. “Depois de ter sido uma nação paradoxalmente clássica, movida pelo humanismo e pela imaginação literária, eis o Brasil lançado no extremo da oposição à cultura intelectual. Há um pragmatismo que procura suplantar todo o intelectualismo. Há uma filosofia de ação prática, que dirige a energia brasileira para os trabalhos físicos da posse da terra e para a acumulação da riqueza. Nesse sentido o Brasil se americaniza e se desintegra do cosmos latino... Eis o paradoxo do governo brasileiro: homens não preparados para a função de governar uma nação de destino industrial governam essa nação... São Paulo, felizmente, é dirigido por uma elite de fazendeiros, agricultores e industriais. Os homens antigos não são estranhos à indústria, e essa perfeita conformidade entre a capacidade, a competência dos governantes e o destino social do Estado, é que mantém o progresso de S. Paulo, o menos paradoxal dos Estados brasileiros”<sup>13</sup>.

Em *Retrato do Brasil*, publicado em 1928, Paulo Prado está procurando equacionar os novos tempos. Um intelectual paulista, membro de uma família tradicional de negócios e política, defrontando-se com as polarizações emergentes na sociedade nacional. Está ansioso por construir o futuro. Para isso, dedica-se a um vasto exorcismo do passado. “Três séculos tinham trazido o país a essa situação lamentável. A colônia, ao iniciar-se o século de sua independência, era um corpo amorfo, de mera vida vegetativa, mantendo-se apenas pelos laços tênues da língua e do culto... População sem nome... País pobre sem o auxílio humano, ou arruinado pela exploração apressada, tumultuária e incompetente de suas riquezas minerais; cultura agrícola e pastoril limitada e atrasada, não suspeitando das formidáveis possibilidades das suas águas, das suas metas, dos seus campos e praias; povoadores mestiçados, sumindo-

se o índio diante do europeu e do negro, para a tirania nos centros litorâneos do mulato e da mulata; clima amolecedor de energias, próprio para a "vida de balanço"; hipertrofia do patriotismo indolente que se contestava em admirar as belezas naturais, "as mais extraordinárias do mundo", como se fossem obras do homem... O Brasil, de fato, não progride; vive e cresce, como cresce e vive uma criança doente no lento desenvolvimento de um corpo mal organizado... Para tão grandes males parecem esgotadas as medicações de terapia corrente: é necessário recorrer à cirurgia... A Revolução virá de mais longe e de mais fundo. Será a afirmação inexorável de que quando tudo está errado, o melhor corretivo é o apagamento de tudo que foi mal feito"<sup>14</sup>. Note-se que todo esse panorama do passado é o do *outro* Brasil, daquele que se havia formado com matriz no Nordeste. A emergente burguesia paulista estava impaciente, sôfrega. Queria dar andamento aos seus interesses, ampliar os seus espaços de mando, conferir outra direção aos assuntos nacionais, apresentando tudo isso como se fora uma urgência da salvação nacional.

Algumas das dúvidas e ambigüidades desses e outros pensadores foram superadas, ou mesmo renovadas em outros termos, nos escritos de Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Roberto C. Simonsen e Caio Prado Júnior, entre outros. Elaboraram mais e melhor as questões, os dilemas. Conseguiram reinterpretar a história do país, explicar o presente e descortinar algumas tendências futuras. São autores que inauguram interpretações, codificam o conhecimento acumulado até então, reinterpretam momentos cruciais da história, conferem aura científica às suas explicações, estabelecem estilos de pensamento.

Vale a pena atentar para os paralelismos nos escritos desses pensadores. Dedicaram-se a interpretações da história, abarcando Colônia, Império e República. Procuram continuidades e descontinuidades, de modo a compreender as raízes próximas e remotas do presente. É notável o interesse que todos revelam pelo Brasil-Colônia. Lá longe, estariam procurando os segredos dos impasses e das potencialidades com os quais se defronta a nação no século XX. Uma síntese das interpretações desenvolvidas por esses autores encontra-se nos seguintes livros: *Evolução do Povo Brasileiro*, por Oliveira Viana; *Interpretação do Brasil*, de Gilberto Freyre; *A Evolução Industrial do Brasil*, por Roberto C. Simonsen; *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Júnior; e *Raízes do Brasil*, por Sérgio Buarque de Holanda. A despeito da ênfase social, econômica, política ou cultural, evidente em cada um, empenharam-se em apresentar explicações abrangentes, globalizantes. E sugerem, ou mesmo apresentam explicitamente, as perspectivas presentes e prováveis da sociedade. Cada um a seu modo, todos empenham-se em explicar as condições e as possibilidades do Brasil Moderno.

Suas interpretações do Brasil tornam-se paradigmáticas. Passam a ser referência constante no ensino e pesquisa universitários, nas atividades de partidos e movimentos, nas diretrizes de governantes, nas controvérsias da opinião pública. A despeito das críticas possíveis, ou das lacunas reais, consolidam-se, institucionalizam-se. Codificam muito do que uns e outros, grupos e classes, movimentos sociais e partidos políticos adotam como válido, consideram fundamental. Depois de todo um amplo debate que atravessou décadas, quando

13. Graça Aranha, *A Estética da Vida*, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1920, pp. 178-179 e 186.

14. Paulo Prado, *Retrato do Brasil* (Ensaio sobre a Tristeza Brasileira), Duprat-Mayença, São Paulo, 1928, pp. 148-149, 200, 211 e 213.

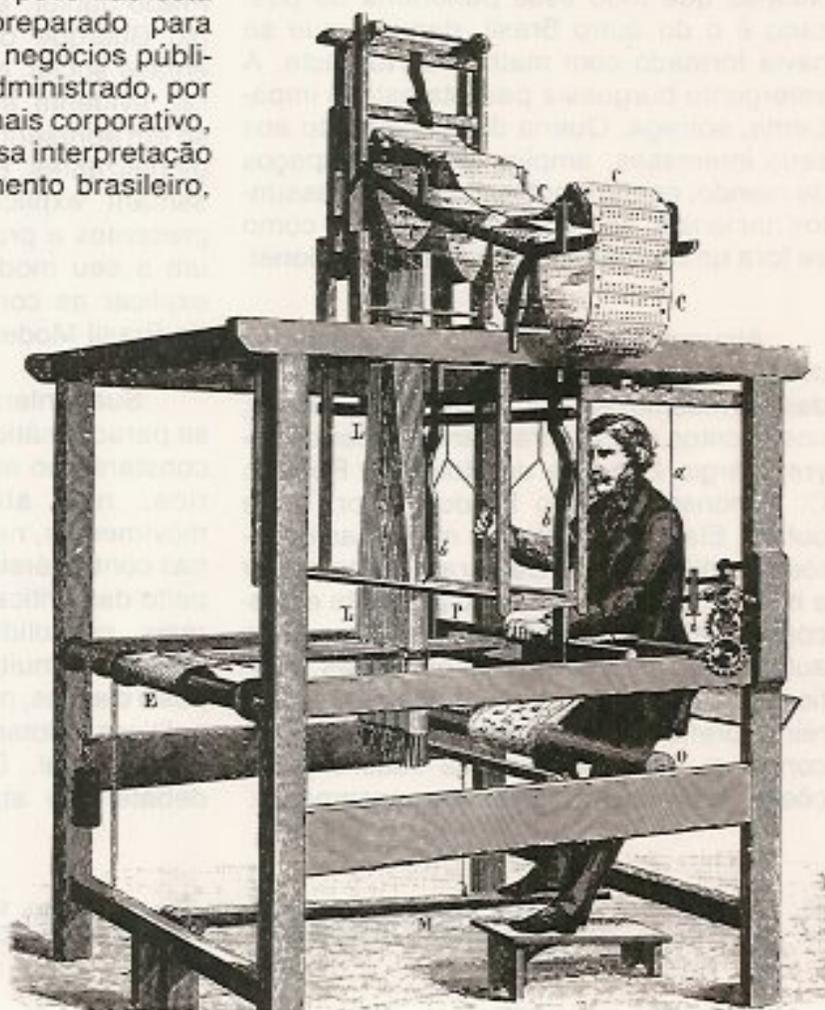
se multiplicaram dúvidas e ambigüidades, muitos têm a sensação de que o país encontrou a sua articulação histórica, o seu perfil, o seu caminho. Conservadores, autoritários, liberais, democratas e socialistas já têm a seu dispor um esquema básico, uma referência coerente, um paradigma para pensar e agir. Assim Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Roberto C. Simonsen e Caio Prado Júnior adquirem a aura de clássicos.

A interpretação de Oliveira Viana vem diretamente do pensamento conservador europeu e brasileiro. Privilegia a organização e a atividade do Estado, conferindo-lhe um papel preeminente, "civilizador". Baseia-se no suposto de que a sociedade civil é débil, incapaz; que o povo não está cultural e politicamente preparado para exercer um papel ativo nos negócios públicos. Precisa ser tutelado, administrado, por um poder estatal cada vez mais corporativo, dinâmico, modernizador. Essa interpretação ressoa bastante no pensamento brasileiro, em setores empresariais, políticos, militares, jornalísticos, universitários.

A interpretação de Gilberto Freyre vem do pensamento moderno europeu e norte-americano, onde se destacam Simmel e Boas, entre outros. Privilegia as formas de sociabilidade e supera os equívocos que associam raça e cultura. Concentra-se na análise de instituições e formas sociais, tais como a família patriarcal, as etiquetas sociais, os tipos sociais. Lida com os interstícios ou póros da sociedade civil, tomando-os como expressões suficientes desta. Focaliza a

família patriarcal como se fosse a miniatura da sociedade, de tal modo que o patriarca aparece como se fosse uma metáfora do governo, e o patriarcalismo do poder estatal. As relações e os movimentos de grupos, castas ou classes diluem-se nas relações entre os componentes da família patriarcal. Esse é o contexto em que surge a idéia de *democracia racial*, na qual não aparece o escravo do eito nem o operário livre. Uma interpretação muito influente. Ganha ênfase nos mesmos lugares em que Oliveira Viana prevalece. Uma explica o Estado e a outra a Sociedade<sup>15</sup>.

A interpretação de Sérgio Buarque de Holanda tem raízes no pensamento alemão moderno, principalmente Dilthey, Rickert e



Weber. Desenvolve-se em um conjunto de tipos ideais, configurando épocas, estilos de sociabilidade. Percebe de modo aberto a sociedade civil e o Estado, no passado e no presente. O *homem cordial* sintetiza uma parte expressiva da forma pela qual apanha momentos da história, em moldes supra-históricos. Uma interpretação bastante presente em meios universitários e artísticos.

A interpretação de Roberto C. Simonsen tem raízes na economia política. Lê a história como um processo de desenvolvimento econômico, no qual estão em causa o empresário, a tecnologia, o planejamento governamental, a industrialização apoiada pelo poder público, a racionalização da empresa, o aumento da produtividade, o adiestramento profissional do trabalhador, a legislação trabalhista destinada a formalizar o mercado de mão-de-obra.

E a interpretação de Caio Prado Júnior tem raízes no pensamento marxista. Analisa a formação social brasileira em termos de forças produtivas e relações de produção, expropriação do escravo e trabalhador livre, desigualdades sociais e contradições de classes. Apanha a história como um caleidoscópio de *ciclos* e épocas, diversidades e desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais; complicadas pelas diversidades e desigualdades raciais e regionais. Desvenda as lutas, reformas e rupturas que demarcam épocas e perspectivas da história social brasileira.

Vale a pena observar que essas interpretações clássicas do Brasil estão marcadas pela mudança do eixo da história. Elas talvez tenham muito que ver com o deslocamento do eixo de organização e desenvolvimento da sociedade.

Gilberto Freyre não esconde que vê a história na perspectiva da vigorosa matriz representada pelo Nordeste, por sua importância e história ao longo da Colônia e Império. Por isso, provavelmente, a sua interpretação do Brasil guarda as dimensões e as sonoridades de um imponente réquiem. Diz respeito a uma história que teve pompa e circunstância. O que vem depois do escravismo, engenho e patriarcalismo, perde nitidez, parece outra coisa, expressa um mundo estranho. Nesse sentido, podem encontrar-se ressonâncias recíprocas em *Sobrados e Mucambos* de Gilberto Freyre e *Fogo Morto* de José Lins do Rego. Desvendam o segredo sustentado no réquiem do patriarcalismo perdendo os fundamentos da sua pompa.

Oliveira Viana e Sérgio Buarque de Holanda pensam a história do Brasil na perspectiva do Rio de Janeiro, da capital do país, do Estado Nacional, do todo visto a partir do centro político e cultural. É claro que são diferentes as suas interpretações. A de Oliveira Viana é mais política, privilegia o poder estatal e implica no autoritarismo organizado corporativamente. A de Sérgio Buarque de Holanda é mais cultural, privilegia a história da sociedade, implica na democracia. Mas talvez seja possível afirmar que ambos interpretam o Brasil desde o horizonte descortinado a partir do centro político e cultural do país.

Caio Prado Júnior e Roberto C. Simonsen não escondem que vêem a história do Brasil na perspectiva da matriz que se está criando em São Paulo. Beneficiam-se do horizonte aberto pela expansão capitalista no campo, com base no café, e a industrialização, ainda que incipiente. Percebem o país em seu presente e na sua história, provocados pelo surto industrial que se observa

15. Esta síntese inspira-se no trabalho de Elide Rugai Bastos, *Gilberto Freyre e a Formação da Sociedade Brasileira*, Tese de Doutorado, Universidade Católica, São Paulo, 1986, mimeo.

em várias partes, em especial em São Paulo. Por isso parecem mais atentos à *questão social*; além de compreenderem os desafios e as perspectivas que se abrem com a industrialização, o engajamento do aparelho estatal no desenvolvimento econômico em geral, e na industrialização em especial. Roberto Simonsen percebe a questão social na ótica da harmonização entre o trabalho e o capital, da paz social. Ao passo que Caio Prado a percebe na ótica das desigualdades sociais, da luta de classes.

As interpretações clássicas, seus desenvolvimentos posteriores e a própria história, com o seu jogo de forças sociais, dirão como se deslocou o eixo da história da sociedade brasileira. Revelarão onde foi localizar-se a matriz do Brasil moderno. Apenas a matriz interna da modernidade que entusiasma e intimida, deslumbra e espanta.

A rigor, pode-se afirmar que Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Roberto Simonsen e Caio Prado inauguram estilos de pensar o país, a história brasileira, os dilemas do presente, as perspectivas prováveis. Formam discípulos, continuadores, dissidentes. Inclusive resgatam contribuições precedentes, suscitam precursores. Toda obra fundamental, conforme escreveu também Jorge Luis Borges, não só cria discípulos como inventa precursores. Parece realinhar idéias, explicações, textos, temas, linguagens, códigos. É todo um modo de ver e explicar que se articula, juntando o que se vê e o que não se vê. Os lineamentos da história presente, pretérita e futura parecem clarificar-se, tornar-se mais explícitos. Servem de base para novas pesquisas, outras controvérsias, diferentes nações.

É claro que a história do Brasil Moderno não termina aqui. Depois de 1930, virão

1945, 1964, 1985 e outras datas, simbolizando rupturas, retrocessos, aberturas. A sociedade continuou a modificar-se, em termos sociais, econômicos, políticos e culturais. O que não significa que sempre se modificou para melhor, segundo os interesses da maioria do povo<sup>16</sup>.

A indústria cresceu e diversificou-se. O capitalismo avançou mais ainda no campo, de modo extensivo e intensivo. Acelerou-se a urbanização. Desenvolveram-se as classes sociais. Ocorreu uma rearticulação ampla das regiões. Recriaram-se as diversidades e desigualdades sociais, culturais, raciais, regionais e outras. Já se pode falar em um complexo industrial-militar, além de crescente articulação entre o aparelho estatal e as multinacionais.

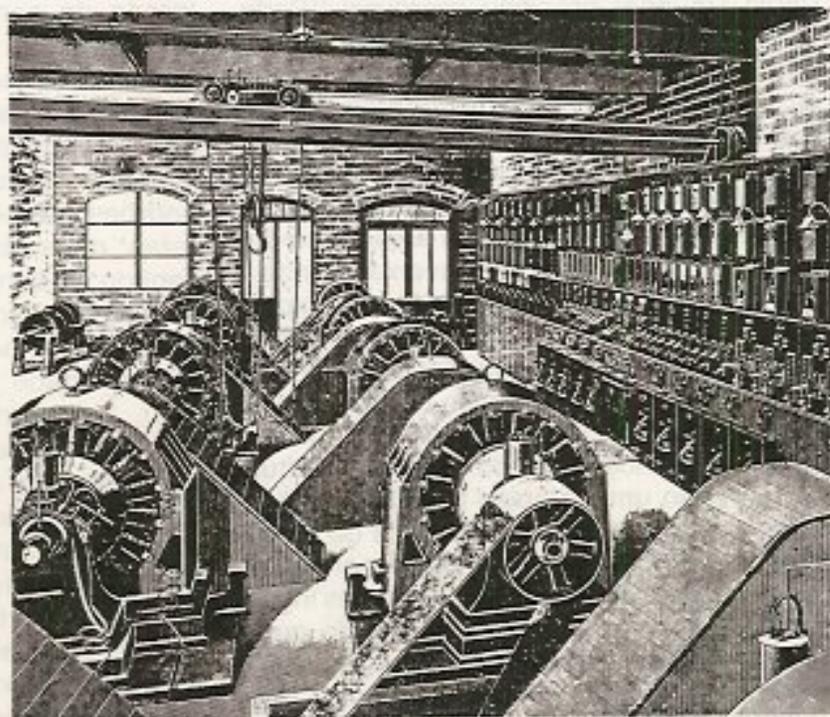
No âmbito do pensamento, surgiram novas explicações do Brasil, parciais ou abrangentes. Dentre os seus autores, destacam-se Florestan Fernandes, Antonio Cândido, Raimundo Faoro, Celso Furtado, Hélio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodrê, Guerreiro Ramos, Clóvis Moura, José Honório Rodrigues, entre outros. Refazem, outra vez, toda a história, em diferentes perspectivas, com instrumental teórico às vezes bastante diverso. São tomados pela opinião pública e em ambientes universitários como fundadores ou continuadores. Em vários casos, são continuadores, com inovações importantes. Reiteram ou desenvolvem as explicações de Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Roberto Simonsen e Caio Prado. Às vezes passam ao largo desses e encontram-se com Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Alberto Torres, Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Jackson de Figueiredo e outros.

Sim, no Brasil as ciências sociais nascem e desenvolvem-se marcadas pelo desafio: compreender as condições e as

possibilidades do Brasil Moderno. Todo o empenho está em compreender o presente, em suas raízes próximas e distantes. Por isso, em diferentes épocas, o pensamento social debruça-se também sobre o passado, tentando descobrir segredos do presente.

Mas sempre se revela o fascínio pela modernidade como idéia, forma ou ilusão, sem questionar de onde vem, para onde vai. As últimas modas provenientes dos centros culturais dominantes da Europa e Estados Unidos podem ressoar em alguns centros culturais brasileiros, como novas verdades que substituem outras. Há alguns para os quais a última novidade européia ou norte-americana pode representar o novo paradigma para pensar, filosofar, explicar, criar. O filósofo brasileiro pode imaginar que só na Europa, isto é, em Paris, é que podem encontrar-se os grandes problemas da filosofia. Algo semelhante dirão alguns sociólogos, antropólogos, economistas, historiadores, escritores, ensaístas e outros.

Nesse sentido, também, é que a idéia de Brasil Moderno freqüentemente tem algo de caricatura. Primeiro, caricatura resultante da imitação apressada de outras realidades ou configurações históricas, freqüentemente implicadas em idéias, conceitos, explicações, teorias. Segundo, caricatura tornada ainda mais grotesca porque superpõe con-



ceitos e temas a realidades nacionais múltiplas, antigas e recentes, nas quais mesclam-se os ciclos e as épocas da história brasileira, como em um insólito caleidoscópio de realidades e imitações.

Continua em causa o dilema das idéias exóticas, da busca da congruência entre o pensamento e o pensado. O que já havia sido claramente posto por José Veríssimo e Sílvio Romero, continuou a pôr-se para os outros, ao longo das décadas. Em 1973 Paulo Emilio julgou necessário escrever: "Não somos europeus nem americanos do norte, mas destituídos de cultura original, nada nos é estrangeiro, pois tudo o é. A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro"<sup>17</sup>. E em 1985 Sérgio

16. Uma parte importante da problemática cultural dos tempos do populismo e militarismo é examinada por Renato Ortiz, *A Moderna Tradição Brasileira* (Cultura Brasileira e Indústria Cultural), Editora Brasiliense, São Paulo, 1988.

17. Paulo Emilio Sales Gomes, *Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento*, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980, p. 77. Citação de "Cinema: Trajetória do Subdesenvolvimento", publicado pela primeira vez em 1973, na revista *Argumento*, n.º 1, São Paulo.

Paulo Rouanet precisou escrever: "Podemos, sem exagero, falar na ascensão de um novo irracionalismo no Brasil. Em todas as trincheiras e em todas as frentes, a razão está na defensiva. ... Ele foi em parte moldado por influências externas. Em sua variedade 'existencial', ele talvez tenha tido sua origem na contracultura americana dos anos 70, que pretendia reinventar a vida a partir do festival de Woodstock e da experiência das comunas. Em sua variedade teórica, é preciso reconhecer que ele está em sintonia com algumas tendências do pensamento europeu. Penso em Foucault, que pelo menos segundo uma certa leitura vê na razão uma simples protuberância na superfície do poder, encarregada de observar, esquadrihar, normalizar, e penso nos *nouveaux philosophes*, que vêem nos inventores de sistemas meros agentes do *gulag* — os *maitres-penseurs*... Mas as raízes internas são igualmente inegáveis. Sem nenhuma dúvida, o irracionalismo brasileiro não é uma "idéia fora do lugar". Talvez a política educacional do regime autoritário seja o mais importante desses fatores internos. Durante 20 anos, ela extirpou metodicamente dos currículos tudo o que tivesse que ver com idéias gerais e com valores humanísticos... Os egressos desse sistema educacional deficitário transformam, simplesmente, seu não-saber em normas de vida e em modelo de uma nova forma de organização das relações humanas"<sup>18</sup>.

Sob diversos aspectos, a história do pensamento brasileiro no século XX pode ser vista como um esforço persistente e rei-

terado de compreender e impulsionar as condições da modernização da sociedade nacional. Primeiro, no sentido de fazer com que a sociedade e o Estado, compreendendo as instituições sociais, econômicas, políticas e culturais, aproximem-se dos padrões estabelecidos pelos países capitalistas mais desenvolvidos. Segundo, no sentido de conhecer, valorizar ou exorcizar as peculiaridades da formação social brasileira, tais como os séculos de escravismo, a diversidade racial, a mestiçagem, o trópico, o lusitanismo, o europeísmo etc. É óbvio que esse esforço de compreensão e compromisso não se organiza sempre na mesma direção. Uns preconizam a modernização em moldes democráticos; outros em termos conservadores, ou simplesmente autoritários. Há aqueles que reivindicam reformas sociais amplas; outros até mesmo a revolução social. Um ou outro chega a idealizar o escravismo, o regime monárquico, o colonialismo lusitano, o alpendre da casa-grande.

No emaranhado dos desafios que compõem e descompõem o Brasil como nação, as produções científicas, filosóficas e artísticas podem revelar muito mais o imaginário do que a história, muito menos a nação real do que a ilusória. Mas não há dúvida de que a história seria irreconhecível sem o imaginário. Alguns segredos da sociedade revelam-se melhor, precisamente na forma pela qual ela aparece da fantasia. Às vezes, a fantasia pode ser um momento superior da realidade.

18. Sérgio Paulo Rouanet, *As Razões do Iluminismo*, Companhia das Letras, São Paulo, 1987, pp. 124-125. Citação do capítulo "O novo irracionalismo brasileiro", publicado pela primeira vez na *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 de novembro de 1985.